

## **CONEP admite caos organizacional**

Desde sua criação em 1996, o Sistema CEP/CONEP (nem sempre conhecido com esse nome) foi motivo de muitas críticas pelos que dele se utilizam. Não porque a ética tenha definitivamente saído de moda, mas sim, porque os que desenvolvem pesquisa não estão mais dispostos a continuar na espera de processos inteligentes, elaborados por profissionais tecnicamente competentes e capacitados para suas funções. Exemplo disso foi a liberação da Plataforma Brasil, que no mínimo, foi muito mal calculada do ponto de vista de estratégia política. Mais de um ano depois de sua liberação para uso, são constantes as mudanças não por razões envolvendo a evolução científica, mas sim pela simples falta de conhecimento dos processos de pesquisa, por parte daqueles que pensaram nesse sistema.

Que o mundo está em crise, todos sabemos, até o papa entendeu ser melhor se afastar do caos do Vaticano. Será que por aqui as coisas serão assim?

Segundo o Coordenador Adjunto da CONEP, Aníbal Gil, que por acaso é padre e médico de formação, a CONEP vive o que seu Pleno denominou de “caos organizacional”. Sem cumprir as regras ditadas pelo próprio CNS, desde dezembro de 2012, a CONEP patina sem saber sequer quem é seu Coordenador por direito e de acordo com os requisitos normativos por ela própria instituído. Uma crise que, com uma boa chance de acerto, começou pelos desentendimentos e desacordos entre os diferentes setores do MS e tem levado alguns dos seus atores a viver dias de horror, na tentativa de justificar tantas atrapalhadas.

Um Manifesto lido pelo Coordenador Adjunto da CONEP para o pleno do CNS em agosto de 2012 só fez ampliar a tensão que já havia no MS desde a criação do DECIT em 1999. O caso é antigo, mas quem acompanha esses bastidores desde o século passado sabe que a coisa não é como se tenta mostrar. Agora a própria CONEP admite que a população não está mais protegida por esse sistema, que não existe recurso financeira para seu adequado funcionamento, que não existe quadro de pessoal efetivo, que reuniões são canceladas por falta de verba e por consequência projetos deixam de ser avaliados e assim o Brasil perde estudos importantes. E o que se viu de imediato foi o pleno do CNS simplesmente desconsiderar esse Manifesto, na tentativa de mostrar que isso foi mais uma confusão interna e não uma bomba prestes a explodir.

Como todo jogo político, o que se tenta fazer são acordos entres as bases aliadas e oposição

para se chegar a um consenso. O preço pago nunca é dito, afinal, ética não tem preço! Enquanto isso, uma cortina de fumaça é formada para que os CEPs não percebam o que acontece e desorientados pela falta de informação e de uma liderança sólida, confiável e legítima, se voltam para direções opostas daquela que seria a necessária para manutenção de um Sistema organizado.

Conversas de bastidores agora são as mais comuns, e quando isso acontece, o perigo tende a aumentar, pois especulações geram incertezas que só comprometem um país que neste momento deveria se focar nas consequências de uma crise mundial que contribuiu para que o nosso PIB despencasse a patamares bem alarmantes.

Resultado do caos organizacional da CONEP é que os mais de seiscentos CEPs se dividem em opiniões que vão desde acreditar que a CONEP nunca esteve tão organizada até os que concordam com o explicitado pelo Manifesto, que diz que se algo não for feito, esse sistema tende a ruir.

Vale lembrar que quando o papa não pode mais manter a posição de desconhecimento do caos no Vaticano, só restou a ele a renúncia. Será que isso não poderia ocorrer por aqui?

Enfim, quando a CONEP conseguiu finalmente admitir viver um caos, o que fez o MS nos últimos sete meses, desde a leitura do Manifesto para o CNS?

Greyce Lousana  
**Presidente Executiva SBPPC**

São Paulo, 18 de março de 2013